

## A ESCOLA COMO ESPAÇO DE LIBERDADE: UM OLHAR FOUCAULTIANO PARA O ENSINO DE MATEMÁTICA

*Claudia Glavam Duarte*  
*Universidade Federal do Rio Grande do Sul*  
*claudiaglavam@hotmail.com*

*Valdirene Teixeira Flor*  
*Universidade Federal de Santa Catarina*  
*valpdz@hotmail.com*

*Alice Stephanie Tapia Sartori*  
*Universidade Federal de Santa Catarina*  
*alice.stephanie@hotmail.com*

Este artigo tem como objetivo discutir a palavra liberdade, tão recorrente no discurso educacional, inserindo a Educação Matemática como campo de saber a ser problematizado. Para isso, apresentamos as teorizações do filósofo Michel Foucault que entende a liberdade a partir de relações de poder e da constituição dos sujeitos. Além disso, analisamos, a partir de sua perspectiva, as enunciações provenientes das falas de cinco professores de matemática, que remetem a um enunciado específico que diz sobre a liberdade proporcionada aos alunos para utilizarem diferentes estratégias de resolução de uma situação problema nas aulas de matemática. Tais enunciações nos possibilitam pensar as práticas de liberdade na escola. Desta forma, entendemos que ao propor essa reflexão estaremos contribuindo para efetivação de uma educação menor, e apontar outros olhares para as pesquisas em Educação Matemática.

**Palavras-chave:** Educação Matemática; Práticas de liberdade, Michel Foucault.

### 1. Introdução

Este artigo apresenta algumas reflexões iniciais que motivaram uma Dissertação de Mestrado<sup>1</sup> que tem como objetivo analisar as diferentes estratégias utilizadas por alunos para resolver uma situação problema em aulas de matemática. Este tema será investigado a partir de entrevistas com professores de matemática, no entanto este artigo se restringe às análises das entrevistas com cinco professores, realizadas até o momento. A questão que abordamos aqui é: Que enunciados emergem das falas dos professores referentes à liberdade dada aos alunos para que resolvam determinada situação matemática?

A intenção deste artigo é apresentar as teorizações advindas dos estudos de Michel Foucault que possibilitam problematizar a palavra *liberdade*, tão enfatizada pelos discursos educacionais; além de descrever alguns enunciados identificados nas falas dos professores a

<sup>1</sup> Este trabalho está sendo desenvolvido no Programa de Pós-Graduação em Educação Científica e Tecnológica, na Universidade Federal de Santa Catarina.

partir da

análise do discurso proposta pelo filósofo. Neste sentido, concordamos que é também papel da escola constituir espaços de liberdade na sociedade, e a Educação Matemática pode contribuir para a produção de sujeitos “mais livres”. No entanto, o modo como compreendemos a liberdade se distancia em certos aspectos das visões tradicionalmente propagadas no campo educacional. Para este estudo, são necessários alguns movimentos a fim de libertar nossos pensamentos, para olhar os objetos da Educação Matemática a partir de outras lentes, pois como sugere Larrosa,

[...] talvez a liberdade, ou esse sentimento insuportável que faz com que, às vezes, nos venha à boca a palavra liberdade [...] talvez isso possa continuar sendo algo que dá o que pensar, ainda que para isso tenhamos que libertar primeiro o nosso pensamento de todas as ideias que nos dão de liberdade já pensada e, portanto, impensável. (LARROSA, 2000, p. 334).

## 2. Ferramentas foucaultianas para pensar a liberdade

[...] pensar com Foucault, é jamais parar de pensar. É perguntar, sempre e uma vez mais: por que tem de ser assim? Por que não poderia ser de outra maneira? Por que devemos acreditar no que nos dizem, agora, se, antes, já nos disseram tantas coisas, tantas vezes, tão diferentes? (COSTA, 1999, p. 20).

Para refletir sobre a liberdade abrimos a caixa de ferramentas de Foucault, e utilizamos alguns conceitos que a compõe e que consideremos necessários para discutir a liberdade no espaço escolar como as noções de sujeito e relações de poder. Problematizar a Educação Matemática a partir destas ferramentas podem produzir pequenos curtos-circuitos que desestabilizam nossas ideias cristalizadas sobre os discursos produzidos por e para este campo de poder- saber.

Estes conceitos se entrelaçam nas obras do filósofo, de modo que se torna indispensável analisar as relações de poder que perpassam a sala de aula, pois como afirma Foucault, onde há poder há liberdade e onde existe liberdade há poder, “[...] uma vez que o exercício de poder é possível somente em sujeitos “livres”” (FERNANDES, 2012, p. 57). Da mesma forma, para discutir a liberdade nesta perspectiva, devemos compreender o sujeito e as técnicas de governmentação que o constituem.

## Muitos

estudiosos costumam falar em três Foucault, pois dividem sua obra em três momentos<sup>2</sup>: o primeiro (ser-saber) analisa o surgimento das ciências humanas; o segundo (o ser-poder), trata a questão do poder; e o terceiro (ser consigo), trabalha a relação do sujeito consigo mesmo. Assim, a questão do sujeito e do poder perpassa todas as fases, e é abordada de diferentes maneiras, mas refere-se sempre à sua constituição social, cultural e histórica.

Desta forma, o exercício do poder pode ser compreendido como uma maneira de estruturar o campo formado por ações que compõe relações entre os indivíduos (FOUCAULT, 1995). Nesta concepção, uma relação de poder é um modo de agir sobre os outros, sobre sua própria ação. O filósofo afirma que o sentido, atribuído ao termo poder, está associado ao jogo de relações entre os indivíduos, nas instituições, pois nessas relações uns exercem poder sobre os outros. O poder não existe de forma global, maciça “o poder só existe em ato, mesmo que, é claro, se inscreva num campo de possibilidade esparsa que se apoia sobre estruturas permanentes” (FOUCAULT, 1995, p. 242). O conceito de poder também está presente nas discussões que Foucault propõe acerca da liberdade, pois para ele, o poder só pode ser exercido por relações entre sujeitos livres, senão não seriam relações de poder, mas de “obediência”.

Quando Foucault tratava do poder, e dos modos de subjetivação como modos de sujeição, a liberdade já estava ali, no seu pensamento, no seu desejo, ela dava sinais de sua presença, estreitava sua hora luminosa: nas resistências, nas lutas pontuais, nas lutas específicas, nas experiências. (FILHO, 2007, p. 02).

Em termos gerais, o poder se exerce nas relações entre os sujeitos, regulando a conduta do outro, exercendo o poder sobre o outro como, por exemplo, entre pai e filho, professor e aluno, médico e paciente. Portanto, podemos considerar que, em todas as relações estabelecidas entre os sujeitos há poder, assim o poder “é focalizado em micro instâncias, é um exercício integrante do cotidiano e consiste em formas de luta contra a sujeição, contra as formas de subjetivação e submissão” (FERNANDES, 2012, p. 56). A liberdade não está presente nos textos do filósofo de forma referida diretamente no desenvolvimento, nos títulos, mas em seu pensamento-surpresa, quando faz insinuações, interrogações e reflexões, a liberdade aparece na forma de duplicidade do poder-resistência.

---

<sup>2</sup> Cabe ressaltar que alguns teóricos como Judith Revel (2004) tencionam esta divisão ao afirmar que “é certo que a divisão permite manter uma aparência de linearidade no corpus, mas ao preço de uma ausência quase total de transições, e pelo jogo de uma simples justaposição das fases da pesquisa segundo a ordem de sucessão de seu desenvolvimento.” (Ibidem, p. 67)

## Fouca

ult (2012), afirma que a liberdade dos sujeitos não é assegurada pelas instituições e pelas leis que a garantem, a liberdade é algo que devemos exercitar, e não se reduz à questão da vontade, da escolha ou do livre-arbítrio. Para o filósofo, a liberdade é algo necessário para se compreender as relações de poder e é fundamental para o exercício do poder. Como destaca Kohan (2003, p. 89),

O exercício do poder pressupõe a prática de liberdade. Esta prática não é exercida por indivíduos soberanos ou autônomos, constituídos previamente, mas por indivíduos que, na trama das relações de poder que os atravessam, podem perceber outras coisas, diferentemente daquelas que estão percebendo.

Ao problematizar a instituição escolar em seus processos de disciplinamento, os estudos de Foucault nos possibilitam pensar a escola como um espaço que é administrado e governado por relações de poder e que, por guardar esta condição abriga práticas de liberdade. Além disso, as teorizações de Foucault permitem pensar: que tipo de poder permeia as práticas escolares na contemporaneidade? O poder disciplinar permite que a liberdade se exerça entre os sujeitos na sociedade e na escola?

Cabe ressaltar que, na perspectiva teórica que assumimos, entendemos a liberdade não como uma libertação absoluta, emancipatória, irrestrita, como propõe Paulo Freire na sua *Pedagogia Humanista Libertadora*, mas “[...] como um movimento micro, de pequenas revoltas diárias” (LARROSA, 2000, p. 334), ou seja, como outras possibilidades de praticar a liberdade diferentemente de como vem sendo pensadas na perspectiva educacional crítica. Não como forma libertadora, como uma libertação total, como a grande revolução do mundo, o que seria uma forma de fabular a liberdade, nas palavras de Larrosa (2009). A intenção deste trabalho não é, portanto, inserir-se “nessa tradição fabuladora, não com o fim de criticar as fábulas da liberdade, mas com o objetivo de continuar fabulando a liberdade criticamente” (LARROSA, 2009, p. 70).

O trabalho de Bárbara Hees Garré (2013) apresentou esse movimento de buscar fabular a liberdade criticamente como propõe Jorge Larrosa, ao abandonar ideias consolidadas que se tem sobre liberdade. Para tanto, seu trabalho problematizou alguns discursos educacionais, especificamente abordados na *Pedagogia Humanista libertadora* de Paulo Freire, nas obras da *Pedagogia do Oprimido* e na *Pedagogia da Autonomia*.

Nestas

obras, a liberdade é vista como sendo um movimento de libertação total, pois o sujeito reconhece a si mesmo e as condições difíceis que se encontra, ocupando assim o lugar de oprimido. Vale ressaltar que para o sujeito alcançar a liberdade total é preciso que se salve da condição onde ele se encontra. Desta forma, Garré (2013) problematiza o sujeito resultante da construção do próprio discurso da pedagogia freiriana que entende a liberdade como algo que se possa alcançar, que se possa deter. Aponta ainda que, neste discurso, o sujeito só alcançaria a liberdade utilizando a práxis, a reflexão e o diálogo, para sim, se salvar da condição de opressor, oprimido em que se encontra. Segundo Paulo Freire,

A ação libertadora, pelo contrário, reconhecendo esta dependência dos oprimidos como ponto vulnerável, deve tentar, através da reflexão e da ação, transformá-la em independência. Esta, porém, não é doação que uma liderança, por mais bem intencionada que seja, lhes faça. Não podemos esquecer que a libertação dos oprimidos é libertação de homens e não de “coisas”. (FREIRE, 1981, p. 58 apud GARRÉ, 2013, p 36).

Assim, como declara Garré (2013) a pedagogia freiriana afirma que o sujeito deve primeiro se conhecer, ao propor este movimento o sujeito torna-se alvo de sua própria consciência, assim suas vidas são controladas suavemente, pois sempre haverá a necessidade de superar as posições que o sujeito se encontra. No entanto, para alcançar a tão “sonhada liberdade” é preciso que o indivíduo se liberte das garras opressoras através do diálogo entre as massas, sempre buscando a conquista da liberdade.

A autora aponta ainda, que na perspectiva freiriana faz-se necessário um “vácuo” no poder para que a liberdade do sujeito aconteça. Assim, o sujeito só se tornará livre das injustiças sociais quando não houver nenhuma forma de poder. Alicerçada em uma perspectiva teórica foucaultiana Garré (2013), problematiza a liberdade da pedagogia freiriana como um enunciado que compõe um discurso legitimado que, por estratégias do poder, tornou-se uma das verdades que atravessa o campo educacional. Neste sentido, a pesquisadora suspeita da liberdade salvadora pregada da pedagogia humanista freiriana e mostra que essa liberdade é regulada, como nos propõe Silva (1999). É uma liberdade regulada, pois os sujeitos são ao mesmo tempo livres para fazer algumas escolhas, e regulados por elas ao mesmo tempo. Desta forma,

a liberdade funciona paradoxalmente, pois ao mesmo tempo em que deve ser fabricada e consumida, deve ser regulada, controlada; quer dizer, a liberdade só funciona no marco de uma série de coações e regulamentos. (NOGUERA-RAMÍREZ, 2011, p. 137).

No

entanto, vale ressaltar que Foucault não deixou uma teoria sobre a liberdade, mas deixou indicações como “A liberdade não começa ali onde cessa a intervenção centralizada do Estado [...]. De fato, não creio que o poder seja somente o Estado, ou que o não-estado já seja a liberdade” (FOUCAULT, 2002, p. 323). Através de suas reflexões, a liberdade pode ser entendida enquanto exercício de luta e resistência, portanto, podemos considerar que a liberdade só está presente quando traçamos uma batalha contra as regras as normas que são impostas pela sociedade, e que acabam influenciando nossas escolhas. Pode-se dizer então, que “a liberdade surge com base na análise das relações entre os sujeitos e na relação do sujeito consigo mesmo” (CASTRO, 2009, p. 246).

Segundo Foucault, o sujeito é livre somente quando participa dos jogos de poder. Assim, podemos ter liberdade de escolha em algum momento, no entanto as escolhas feitas não são totalmente livres, pois somos governados, direcionados e regulados por meio dos discursos que são produzidos pela sociedade. Nesta perspectiva, Filho (2011) aponta que:

[...] o poder não impede a liberdade, limita-a. Não importa a origem dele, porque se o exerce, o poder é limitante. A liberdade é da ordem das resistências às sujeições dos diversos poderes. O poder, longe de impedir a liberdade, excita-a. (Ibidem, p.53).

Além disso, a perspectiva foucaultiana aponta que o sujeito exerce a liberdade quando propõe resistir, lutar, produzindo relações diferentes daquelas que lhes parece naturais, pois “[...] É preciso promover novas formas de subjetividade, recusando o tipo de individualidade que nos foi imposto por tantos “séculos””. (FOUCAULT, 1994, apud BRANCO, 2007 p. 203). Assim, em todas as relações de poder a resistência está presente, pois se ela não existisse todas as relações seriam um ato de obediência. Conforme Foucault (1995, p. 248),

[...] não há relação de poder sem resistência, sem escapatória ou fuga, sem inversão eventual; toda relação de poder implica então, pelo menos de modo virtual, uma estratégia de luta, sem que para tanto venham a se superar, a perder sua especificidade e finalmente a se conduzir.

Assim, o poder e a resistência sempre estarão presentes nas relações de poder, de forma que podemos considerar que são as faces diversas de uma mesma moeda, sempre estando em contraste permanente (BRANCO, 2007), pois o poder nunca consegue prendermos definitivamente sempre haverá a possibilidade de modificar a influência que exerce sobre nós em determinadas situações e segundo uma estratégia precisa (FOUCAULT, 2005a).

A partir

destes aportes teóricos, encontramos nos estudos foucaultianos uma possibilidade de analisar o discurso da Educação Matemática considerando as relações de poder a que está imerso, e as práticas pedagógicas que constituem sujeitos na contemporaneidade. Nesta mesma perspectiva, utilizamos a análise do discurso para analisar enunciados sobre a liberdade experienciada nas aulas de matemática a partir das falas de professores de matemática<sup>3</sup>. Deste modo, propomos a colocar as lentes foucaultianas para olhar este objeto de pesquisa e fazer uso da análise do discurso na sua perspectiva. Assim, analisamos o material empírico constituído pelas falas produzidas pelos professores através de uma entrevista semiestruturada, gravadas e posteriormente transcritas.

### 3. Enunciados que remetem à liberdade nas aulas de matemática...

Seguindo as orientações metodológicas advindas do referencial foucaultiano, pretendemos analisar as falas dos professores buscando apenas o que está dito ou, em outras palavras, ficar apenas no nível das coisas ditas (FOUCAULT, 2008). Não buscaremos o que está “por trás” dos enunciados, o significado oculto, mas simplesmente os efeitos de verdade que os enunciados produzem, em outras palavras, nossa análise “não pergunta o que [as enunciações] escondem, o não-dito que involuntariamente recobrem” (FOUCAULT, 2008, p. 124). Neste sentido, Foucault explica:

o tipo de análise que eu pratico não se ocupa do problema do sujeito falante, mas examina as diferentes maneiras pelas quais o discurso cumpre uma função dentro de um sistema estratégico onde o poder está implicado e pelo qual o poder funciona. (FOUCAULT, 2006, p.465).

Nesta perspectiva, o discurso está atrelado às relações de poder e de saber, ou de poder-saber como enfatiza Foucault, e é neste embricamento que as verdades acabam sendo forçadas em nossa sociedade. O discurso em Foucault pode ser entendido como sendo

[...] um conjunto de enunciados, na medida em que se apoiem na mesma formação discursiva; ele não forma uma unidade retórica ou formal, indefinidamente repetível e cujo aparecimento ou utilização poderíamos assinalar (e explicar, se for o caso) na história; é constituído de um número limitado de enunciados para os quais podemos definir um conjunto de condições de existência. (FOUCAULT, 2008, p. 132).

<sup>3</sup> Os cinco professores entrevistados, que serão nomeados neste artigo como P1, P2, ..., P5, lecionam na rede municipal de Florianópolis e participam da formação continuada para professores de matemática, oferecida pela Prefeitura do município.

Deste

modo, podemos compreender o campo da Educação Matemática como sendo constituído por um discurso, que abrange diversos enunciados considerados “verdadeiros”, por exemplo: “é necessário trabalhar com a realidade dos alunos” (DUARTE, 2009), “é importante trabalhar com o lúdico nas aulas de matemática” (SARTORI, 2015), “a matemática é difícil” (SILVA, 2008), “é importante tornar o aluno crítico” (GOES, 2015), dentre outros.

No caso deste artigo, identificamos um enunciado que afirma: “o professor deve dar liberdade para o aluno resolver da sua maneira determinada situação matemática”. Destacamos algumas falas, as quais consideramos como enunciações, que remetem a tal enunciado e que nos provocam a pensar sobre as práticas de liberdade experienciadas por estudantes no que se refere à liberdade de criação de estratégias para a resolução de situações matemáticas. Vejamos o que dizem os professores...

Na quinta série quando eu trabalhava as operações *eu deixava eles livres para fazerem do jeito que eles queriam fazer*. (P1). [grifos nossos]

*Eu sempre deixo os alunos colocarem o jeito como eles resolveram e nas turmas sempre aparece formas diferenciadas, para todo o tipo de problema. Assim, tem muitas formas, por exemplo, na multiplicação. [...]. Então, em todos os conteúdos aparecem formas diferenciadas. Na divisão também, para resolver porcentagem eles resolvem de forma bem diversas assim*. (P3). [grifos nossos]

Essa seria a maneira de montar. No entanto, eles não sabiam essa técnica, a maneira como eu fiz, *então os deixei livres para resolverem*. (P4). [grifos nossos]

Com certeza, dei certo para o aluno, pois é uma maneira de resolver essa situação. *Por que eu vou impor outra maneira, se eu considerei certo? Foi isso que eu fiz, eu não quis impor uma maneira de resolver a situação problema*. (P1). [grifos nossos]

Como eu fiz mais exercícios, eu vou perder mais calorias, logo ela é uma grandeza diretamente proporcional, assim eu já posso multiplicar em diagonal que corresponde o produto dos meios pelos extremos. Assim, quarenta vezes  $x$  é igual 120 vezes 1600, é desta forma como eu resolvo essa situação problema, essa seria a minha maneira. *No entanto, se um aluno fizer de outra forma, é indiferente, pois se ele resolver de outra forma é que pode ser mais fácil, porém para outro aluno a minha forma pode ser mais fácil*. (P3). [grifos nossos]

Então eu sempre os estimulo a tentarem, ou se eles acharem outra maneira que eles acham mais fácil para eles fazerem. *Porque eu acho que cada um tem sua maneira de pensar e raciocinar, então cada um tem sua maneira de resolver exercício*. (P2). [grifos nossos]

dividido por 5, eles faziam 100 dividido por 5, mais vinte dividido por 5, mais cinco dividido por 5. Eu explorava. Então seria  $20 + 4 + 1$ , sendo a mesma coisa de 25. *Eles faziam do jeito que eles sabiam.* (P5). [grifos nossos]

Conforme apontam as enunciações, é importante que o professor considere primeiramente as estratégias de resolução do aluno, sem impor a maneira que seria “mais correta”. Consideram que não importa o modo como o aluno pensou, mas se ele chegou a algum resultado. Mesmo considerando sua forma de resolver facilmente uma situação matemática, um dos professores afirma deixar os alunos escolherem o que para eles é “mais fácil”.

Como mencionado pelos professores, a liberdade vem sendo forjada na sala de aula, pois eles sempre “*os deix[am] livres para resolverem*”. Neste sentido, podemos pensar em práticas de liberdade que o professor proporciona ao seu aluno ao aceitar diferentes estratégias de resolução envolvendo situações problemas. Nestas falas constamos que o professor proporciona a liberdade para o aluno escolher qual o caminho que pretende percorrer para chegar o resultado, pois como afirma um dos professores entrevistados: “*cada um tem sua maneira de pensar e raciocinar*”.

A partir das enunciações destacadas propomos alguns questionamentos: A escola, especificamente as aulas de matemática, contribuem para a constituição de espaços de liberdade na sociedade? Como as práticas pedagógicas para o ensino de matemática constituem sujeitos “mais livres”?

#### 4. Considerações finais

A partir do que das enunciações destacadas e das teorizações de Foucault, pensamos a liberdade propiciada pelas práticas pedagógicas de professores de matemática. Uma das intenções deste estudo é contribuir para a efetivação de uma educação menor que está presente em cada ação que acontece na sala de aula. Conforme Galo (2008, p.64), “uma educação menor é um ato de revolta e de resistência. Revolta contra os fluxos instituídos, resistência às políticas impostas; sala de aula como trincheira, como a toca do rato, o buraco do cão”.

Desta forma, é necessário resistir mais uma vez “[...] à cooptação, resistir a ser incorporado; manter acessa a chama de revolta; manter em dia o orgulho da minoridade,

manter-se na

miséria e no deserto. Educação menor como máquina de resistência” (GALLO, 2008, p. 70). Neste sentido, para termos uma educação menor em nossas escolas, como sugere Gallo (2008), é necessário pensar a educação como com fúria e alegria de um cão que cava seu buraco. Assim entendermos a sala de aula como uma ‘toca’, podemos considerar que a cada dia se faz necessário cavar buracos, para que não se tenha uma educação imposta por regras gerais, denominada por Gallo (2008) como educação maior

[...] aquela dos planos decenais e das políticas públicas de educação, dos parâmetros e das diretrizes, aquela da constituição e da LDB, pensada e produzida pelas cabeças bem-pensantes a serviço do poder. A educação maior é aquela instituída e que quer instituir-se, fazer-se presente, fazer-se acontecer. A educação maior é aquela dos grandes mapas e projetos. (p. 64).

Portanto, problematizar a liberdade torna-se relevante, pois possibilita uma discussão, dentro de uma educação menor, que permite pensar na instituição escolar, além da disciplina e do controle que exerce sobre os sujeitos, e que as relações de poder configuram também, espaços de liberdade. Assim, esta liberdade minimamente vivenciada, proporcionada pelos professores nas aulas de matemática podem contribuir para a constituição de espaços de liberdade na escola e para uma educação menor, a partir de um entendimento das relações de poder e saber que perpassam a sala de aula.

Para concluir, consideramos estes breves apontamentos como ferramentas para uma pesquisa que busca pensar a Educação Matemática a partir de outros lugares. Além disso, poderá servir para suscitar novos pensamentos e ideias para as pesquisas neste campo de saber, pois concordamos com Foucault (2003, p. 266) que “não se podem fabricar ferramentas para não importar o quê; é preciso fabricá-las para um fim preciso, mas saber que serão, talvez, ferramentas para outros fins”.

## 5. Referências

BRANCO, Guilherme Castelo Atitude-limite e relações de poder: uma interpretação sobre o estatuto da liberdade em Michel Foucault. In: *IV Colóquio Internacional Michel Foucault*, Natal, 2007.

BUJES, M. I. E. Descaminhos. In: COSTA, M. V. (Org.). *Caminhos Investigativos II: outros modos de pensar e fazer pesquisa em educação*. Rio de Janeiro: Lamparina, 2007 p. 13-34.

CASTRO, Edgardo. *Vocabulário de Foucault* — um percurso pelos seus temas, conceitos e autores. Tradução de Ingrid Muller Xavier; revisão técnica de Alfredo Veiga-Neto e Walter Omar Kohan. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.

- COSTA, Jurandir Freire. Prefácio a título de diálogo. In: ORTEGA, F. Amizade e estética da existência em Foucault. Rio de Janeiro: Graal, 1999. p. 20.
- DUARTE, Cláudia Glavam. *A “realidade” nas tramas discursivas da educação matemática escolar*. 2009. Tese (doutorado) – Universidade do Vale do Rio dos Sinos, Programa de Pós-Graduação em Educação, São Leopoldo.
- FERNANDES, Cleudemar Alves. *Discurso e sujeito em Michel Foucault*. São Paulo: Intermeios, 2012.
- FILHO, Alípio de Souza. Foucault: o cuidado de si e a liberdade, ou a liberdade é uma agonística. In: *IV Colóquio Internacional Michel Foucault*, Natal, 2007.
- FILHO, Ocelo Domingos Pereira. *A disciplina como condição para a formação humana*. 2011. 76 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Metodista de Piracicaba.
- FOUCAUT, M. O sujeito e o poder. In: DREYFUS, H RABINOW, P. *Michel Foucault, uma trajetória filosófica – para além do estruturalismo e da hermenêutica*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995.
- FOUCAUT, M. *História da loucura*. Trad. José Teixeira Coelho Netto. São Paulo: Perspectiva, 2002.
- FOUCAUT, M. Diálogo sobre o poder. In: FOUCAUT, M. *Ditos e escritos IV: estratégia poder-saber*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2003.
- FOUCAUT, M. *Ditos e escritos*. Arqueologia das ciências humanas e história dos sistemas de pensamento (vol. II). Rio de Janeiro: Forense universitária, 2005a.
- FOUCAUT, M. *Ditos e Escritos Vol. III – Estética: Literatura e Pintura, Música, Cinema*. 2. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006.
- FOUCAULT, Michel. *Segurança, território e população*. Tradução de Eduardo Brandão. São Paulo: Martins Fontes, 2008.
- FOUCAUT, M. *Microfísica do Poder*. Rio de Janeiro: Edições Graal, 2011.
- FOUCAUT, M. *Ditos e Escritos, volume IV: estratégia, poder-saber*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2012.
- GALLO, Silvio. *Deleuze & a Educação*. 2 ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2008.
- GARRÉ, Bárbara Hees. HENNING, Paula Corrêa. Enunciados de liberdade: colocando em suspenso as metanarrativas humanistas de autonomia e emancipação. *Revista Educação e Cultura Contemporânea*. Vol 11, n. 23, p. 27-41. 2013.
- GOES, Aline de. *“Tornar o aluno crítico”*: enunciado (in)questionável no discurso da educação matemática escolar. 2015. 189 f. Dissertação (Mestrado em Educação Científica e tecnológica) – Universidade Federal de Santa Catarina.

KOHAN,

Walter. *Infância. Entre Educação e Filosofia*. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.

LARROSA, Jorge. A libertação da liberdade. In: BRANCO, Guilherme Castelo; PORTOCARREIRO, Vera (Org.). *Retratos de Foucault*. Rio de Janeiro: Nau, 2000. p. 328-335.

LARROSA, Jorge. *Neitzsche & a Educação*; traduzido por Síramis Gorini da Veiga. 3 ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.

MEYER, Dagmar; SOARES, Rosângela. Modos de ver e de se movimentar pelos “caminhos” da pesquisa pós-estruturalista em Educação: o que podemos aprender com – e a partir de – um filme. In: COSTA, Marisa; BUJES, Maria I. (Orgs.). *Caminhos Investigativos III: riscos e possibilidades de pesquisar nas fronteiras*. Rio de Janeiro: DP & A, 2005, p.23-44.

NOGUERA-RAMÍREZ, Carlos. *Pedagogia e governamentalidade ou Da Modernidade como uma sociedade educativa*. Belo Horizonte: Autêntica, 2011.

REVEL, Judith. O pensamento vertical: uma ética da problematização. In: GROS, Frédéric.(org). *Foucault a coragem da verdade*. Parábola editorial. São Paulo, 2004

SAMPAIO, Simone Sobral. *Foucault e a resistência*. Goiânia: Editora da UFG, 2007.

SARTORI, Alice Stephanie Tapia. *O lúdico na educação matemática escolar: efeitos na constituição do sujeito infantil contemporâneo*. 2015. 158 f. Dissertação (Mestrado em Educação Científica e tecnológica) – Universidade Federal de Santa Catarina.

SILVA, Fabiana Boff de Souza da. *A (prender) matemática é difícil: problematizando verdades do currículo escolar*. 118 f. 2008. Dissertação (Mestrado em Educação). UNISINOS: São Leopoldo, 2008.

SILVA, Tomaz Tadeu da. As pedagogias psi e o governo do eu. In: SILVA, Tomaz Tadeu da (org). *Liberdades reguladas: a pedagogia construtivista e outras formas de governo do eu*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1999.

VEIGA-NETO, Alfredo. *Foucault & a Educação*. 3.ed. Belo Horizonte: Autentica Editora, 2011.